

**A POPULAÇÃO DO BAIRRO CONCÓRDIA – TUNEIRAS DO OESTE –
PARANÁ – BRASIL. O TRADICIONAL E O MODERNO PRODUZINDO O
ESPAÇO LOCAL.**

**LA POBLACION DEL BARRIO CONCÓRDIA – TUNEIRAS DEL OESTE –
PARANÁ – BRASIL. EL TRADICIONAL Y EL MODERNO PRODUCINDO EL
ESPACIO LOCAL.**

**THE POPULATION OF CONCÓRDIA DISTRICT – TUNEIRAS DO OESTE –
PARANÁ – BRASIL. THE TRADITIONAL AND THE MODERN
PRODUCTIZING THE LOCAL SPACE.**

Cláudia Chies¹/ Márcio Mendes Rocha²

Universidade Estadual de Maringá - Claudiachies@bol.com.br / mmrocha@uem.br

Resumo

Este trabalho se propõe a caracterizar o Bairro Concórdia, no município de Tuneiras do Oeste, noroeste do Paraná, sul do Brasil, demonstrando como a produção cafeeira determinou a caracterização e organização populacional e espacial no período de 1950 a 1980, tempo em que predominou a cafeicultura na região. Com uma estrutura fundiária de pequenas propriedades, desenvolveu-se a agricultura familiar. Para o cultivo do café adotou-se um modo tradicional de produção e de vida comunitária, já que a população era numerosa, pois o café exige grande mão-de-obra. Formou-se então neste local, uma comunidade homogênea, onde se estabeleciam relações sociais diversas, hábitos e ritmos de vida comuns. Com a substituição do café por culturas de trato mais moderno como a cana-de-açúcar e a pecuária, a partir da década de 80, houve uma grande expulsão de população. Sendo assim, buscou-se neste trabalho, investigar a população do bairro, reconhecendo as formas de vida tradicionais e modernas, percebendo seus hábitos, costumes e resgatando os bens culturais ainda existentes.

Palavras-chave: Bairro Concórdia, produção agrícola, tradição, modernidade, agricultura familiar;

Resumen

Este trabajo se propone a caracterizar el Barrio Concórdia, en el municipio de Tuneiras del Oeste, noroeste de Paraná, sur de Brasil, demostrando como la producción cafeeira

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá e integrante do NEMO – Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização;

² Doutor em Geografia Humana, professor do Departamento de Geografia e do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Maringá e Coordenador do NEMO – Núcleo de Estudos de Mobilidade e Mobilização;

determinó la caracterización y organización de la población y el espacio en el periodo de 1950 a 1980, tiempo en que predominó la cultura del café en la región. Con una estructura de fundo en pequeñas propiedades, se desarrolló la agricultura familiar. Para el cultivo del café se adoptó el modo tradicional de producción y de vida comunitaria, ya que la población era numerosa, pues el café exige mucha mano de obra. Se formó entonces en este local, una comunidad homogénea, donde se establecían relaciones sociales diversas, hábitos y ritmos de vida comunes. Con la sustitución del café por culturas de trato más modernas como la caña de azúcar y la pecuaria, a partir de la década de los 80, hubo una transformación en los hábitos y costumbres, así como, una fuerte evasión de la población. Por lo tanto, se buscó en este trabajo, investigar la población del barrio, reconociendo las formas de vida tradicionales y modernas, observando sus hábitos, costumbres y rescatando los bienes culturales aún existentes.

Palabras Llave - Barrio Concórdia, producción del espacio local, tradición, modernidad, agricultura familiar.

Abstract

The objective of this paper is to focus the Concórdia District, in the municipality of Tuneiras do Oeste, northwest of Paraná state, south of Brazil, demonstrating how the coffee production has determined the populational and spacial characterization and organization in the period from 1950 to 1980, period that the coffee plantation has predominated in the region. With a structure of land area composed by small properties, it has developed the familiar agriculture. For the coffee plantation it has adopted a traditional way of production and a way of life in community, since the population was numerous an the coffee plantation demands lots of handiwork. It has formed then in this local, an homogenous community , where it used to establish several social relationship , habits and rhythms of common life. With the replacement of the coffee plantation by others more modern cultures, like sugar cane and cattle raising, from the 1980s, there had been a transformation relating to the habits, as well as a strong evasion of the population. This way, it has searched in this paper, to investigate the population of the district, recognizing the ways of traditional e modern life, realizing its habits and rescuing the cultural values that exist yet.

Key-words: Concordia District, production of local space, Tradition, Modernity, Familiar Agriculture.

Bairro Concórdia: a colonização e a produção do espaço local

O Bairro Concórdia localiza-se no município de Tuneiras do Oeste, noroeste do estado do Paraná, região Sul do Brasil. Tuneiras do Oeste faz divisa com os municípios de Araruna, Cianorte, Cruzeiro do Oeste, Farol, Janiópolis, Moreira Salles e Tapejara. Situa-se na microrregião de Cianorte. Possui hoje três distritos principais - Aparecida do Oeste, Marabá e Canaã, além de inúmeros bairros, entre os quais o bairro Concórdia que foi uma das principais áreas produtoras de café do município. Segundo dados do senso

de 2004 o município possui uma população de 9.013 habitantes, sendo que no auge da cafeicultura já chegou a ter mais de 30.000.

Sabe-se que o ciclo do café foi um dos mais importantes ciclos econômicos para o estado do Paraná, desenvolvendo-se principalmente na região norte, através da expansão pelo estado de São Paulo, alcançando as terras paranaenses. A estrutura fundiária do norte paranaense seguiu a princípio o modelo paulista, ou seja, grandes fazendas, porém paralelamente surgiram os sítios, pode-se perceber que no norte paranaense formaram-se tanto grandes como pequenas propriedades.

Assim, enquanto na região do Cinzas no Norte Pioneiro a grande propriedade e o povoador de origem mineira foram uma constante, nas "terras roxas" do Terceiro Planalto a leste do Tibagi, os povoadores paulistas com sua tradicional fazenda cafeeira foram a marca característica. No Norte Central e a seguir no Noroeste Paranaense, as companhias imobiliárias colonizadoras traçaram um novo aspecto com a colonização dirigida, a pequena propriedade, o intenso processo de desenvolvimento da cafeicultura, como até então não se tinha visto, o cosmopolitismo de seus povoadores, definindo as especificidades da paisagem regional. (MORO, 1998:5)

A partir da década de 50, o café expandiu-se rapidamente para a região noroeste do Paraná, a cafeicultura passou a ser intercalada com culturas temporárias e formação de pastagens, principalmente devido à incidência de solos mais pobres como o arenito Caiuá (solo dominante no município de Tuneiras do Oeste).

O Bairro Concórdia foi uma área comprada, loteada e vendida pela Companhia de Terras Norte do Paraná (C.T.N.P.), em 1951 denominada Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná (C.M.N.P.), a princípio de capital inglês, posteriormente vendida a brasileiros, esta companhia foi a principal responsável pela compra, loteamento e venda das terras do norte central e noroeste paranaense (onde se localiza o Bairro Concórdia), que foram denominadas respectivamente de norte novo e norte novíssimo. O modelo de loteamento estabelecido pela companhia permitiu o desenvolvimento da agricultura familiar aliada à agricultura de subsistência.

A área rural seria cortada de estradas vicinais, abertas de preferência ao longo dos espigões, de maneira a permitir a divisão da terra da seguinte maneira: pequenos lotes de 10, 15 ou 20 alqueires, com frente para a estrada de acesso e fundos para um ribeirão. Na parte alta, apropriada para plantar café, o proprietário da gleba desenvolveria sua atividade agrícola básica: cerca de 1.500 pés por alqueire. Na parte baixa construiria sua casa, plantaria a sua horta, criaria os seus animais para consumo próprio, formaria o seu pequeno pomar. Água seria obtida no ribeirão ou em poços de boa vazão. (COMPANHIA DE MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ, 1975:78).

Sendo o bairro Concórdia uma das áreas colonizadas pela C.M.N.P., sua estrutura fundiária caracteriza-se por pequenas propriedades, onde se tem a frente das propriedades (espigão), voltada para a estrada, e os fundos para o curso de água. Nos espigões onde os solos apresentam melhor qualidade, era plantado o café, principal produto econômico no período. Oliveira (2001:51) destaca que “nas pequenas propriedades, também como nas capitalistas, existe a presença da renda diferencial, obtida nos terrenos mais férteis e mais bem situados”. Próximo ao curso de água onde o solo era de menor qualidade e os riscos de geadas eram maiores, formava-se um pequeno pasto para criação de gado voltado ao consumo familiar de leite e carne.

Além do pasto, no fundo da propriedade, eram construídas as casas dos proprietários, que moravam e trabalhavam em suas terras, e ainda, essas áreas mais baixas, voltavam-se à formação de pomares e hortas, e à construção de tulhas para guardar o café, e terreiros para a secagem. Entre os pés de café era plantado principalmente, arroz, feijão e milho, ou seja, produtos de subsistência para a família, o milho, principalmente, para alimentar os animais que eram criados, como porcos e galinhas.

Como se vê na descrição acima, o modelo de agricultura proposto pela C.M.N.P., a agricultura familiar, foi desenvolvido no Bairro Concórdia, onde predominou este tipo de agricultura que “é entendida como aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (WANDERLEY, 2001:23).

Assim, no Bairro concórdia, prevalecia a agricultura familiar, e praticamente todos os proprietários de terras estavam à frente de seu negócio.

Os proprietários permaneciam na quase totalidade, na direção dos negócios, envolvidos diretamente na empresa de exploração do solo, quer gerindo o trabalho nos grandes estabelecimentos ou lavrando a terra nos pequenos. A presença de administrador era rara. O dono de uma plantação era morador habitual, fazia sua residência na própria fazenda ou sítio. (CANCIAN, 1981:57).

Jair Custódio, morador do bairro desde 1965, lembra como era a população e o trabalho quando chegou no bairro:

“Toda propriedade, tinha família morando, às vezes até duas, três, porque a companhia colonizou assim, tudo em propriedade pequena, vamos dizer assim, 8 alqueires, 10 alqueires, sempre propriedade pequena, como o plantio era café, então cada propriedade de 8, 10 alqueires tinha uma família, duas, formando, morando, o proprietário também era o trabalhador (...) tinha que trabalhar duro o ano inteiro, mas depois que formou o café, foi uma região que teve uma alta produção”

Os moradores, que compraram terras no Bairro Concórdia eram principalmente mineiros e paulistas, sendo que alguns imigrantes estrangeiros ou descendentes destes, que trabalharam em fazendas de café, principalmente no estado de São Paulo, e que conseguiram adquirir uma pequena propriedade nesta nova fronteira agrícola que despontava neste período, boa parte destes trabalhadores compravam terras para formação de sítios, a terra paranaense era barata e o pagamento podia ser parcelado, pois eram vendidas por algumas companhias de terra, neste caso a C.M.N.P.

Além das pequenas propriedades o bairro abriga uma área da fazenda Tuneira, na época produtora de café, pertencente à Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná. Essa fazenda fez parte do processo dinâmico de mudanças introduzidas na cafeicultura paranaense pela C.M.N.P. Em 1953 essa companhia, ao final do seu plano de colonização, quando a quase totalidade de suas terras já estavam vendidas, e vigorando

os preços mais altos da história do café até aquela data, iniciou nas áreas que ainda lhe restavam, a formação de fazendas.

Em bases racionais, sob a orientação de agrônomos e realizando experiências de modernização, foram formadas as fazendas Pitanga e Uniflor, em Nova Esperança; Fatura e Ipiranga, em Paracity; Guanabara em Paranapoema; Tuneira, em Tuneira D'Oeste; Zona 5 - Cianorte, em Cianorte; além de outras como a Mururê, Boa Esperança, Tucano, Porangatu e São Francisco, num total de 2.130.000 cafeeiros.(CANCIAN, 1980:130)

Esta área da fazenda Tuneira localizada no bairro, era recoberta por pés de cafês. Para realizar as atividades exigidas pela cafeicultura, a C.M.N.P. contratou aproximadamente 80 famílias para trabalhar e morar na fazenda. O local onde essas famílias moravam era chamado de sede. A sede da fazenda é o local onde são construídas as casas dos moradores, estas eram construídas umas próximas às outras e com as mesmas características, todas de madeira.

Praticamente todas as casas do bairro eram de madeira, a maioria sem pintura e sem forro entre as telhas e as paredes, caracterizando-se como casas humildes e simples. Até a década de 80 aproximadamente, não era comum a utilização de chuveiros elétricos e vasos sanitários, apesar de a maioria da população já contar com a energia elétrica, por isso os banheiros das casas contavam com o “chuveiro-balde”, onde se colocava água, erguia-o com uma corda por meio de uma carretilha e abria-se a ducha para cair a água. Para atender as necessidades fisiológicas era comum a construção dos chamados “mictórios”, uma espécie de cômodo construído no quintal em cima de um buraco no solo, que servia como depósito das fezes e da urina.

Nas primeiras duas décadas da produção cafeeira no bairro, mais precisamente nas décadas 60 e 70, já que na década de 50 o café estava em formação, foram obtidas boas colheitas, e portanto, bons rendimentos.. Mesmo com as boas colheitas e os bons rendimentos, os moradores não investiam em melhorar a estrutura de suas habitações, mesmo porque não consideravam este item fundamental, quando tinham uma boa colheita, obtendo um lucro, investiam preferencialmente em terras.

Pode-se concluir, avaliando as características do Bairro Concórdia, que a forma como este foi colonizado e organizado, bem como a implantação da cafeicultura, produziu um espaço bastante homogêneo. “A produção espacial realiza-se no plano do cotidiano e aparece nas formas de apropriação, utilização e ocupação de um determinado lugar, num momento específico” (FANI, 1996: 26).

A população atraída para o bairro também é bastante característica, a predominância de mineiros e paulistas e em muitos casos descendentes de italianos, pode ser considerado fator determinante para algumas formas de vida, costumes, tradições e organização espacial. Neil Smith (1998: 122) a esse respeito escreveu “... diferentes sociedades, usam e organizam o espaço de modo diferentes e os diferentes padrões geográficos daí resultantes ostentam o sinal evidente da sociedade que usa e organiza o espaço”.

O Bairro Concórdia, de 1950 a 1980 quando predominou o café e uma população numerosa, pôde ser classificado como bairro rural que segundo Antonio Candido é definido da seguinte forma:

...o bairro rural é uma unidade social mínima, "intermediária entre o grupo familiar e outras formas mais complexas de solidariedade social". Unidade esta que se caracteriza como um grupo de vizinhança que se reúne para trabalhos de ajuda mútua e participa de festejos religiosos locais, não compreendendo, necessariamente, uma divisão administrativa. (CANDIDO apud FUKUI, 1979:67).

Modo de vida no Bairro Concórdia

A partir da década de 1950, e até 1970, o café ocupava todas as propriedades rurais do Bairro Concórdia, a lida com o café era diária, carpir, podar, pulverizar, adubar, ruar³, colher, banar, ensacar, esparramar no terreiro, mexer o café para secar, amontoar ao entardecer e cobrir com lona para não umedecer com o orvalho da noite, plantar as

³ Retirar as folhas que caíam debaixo dos pés de café e amontoá-las entre as fileiras de pés de café, deixando o solo limpo e plaino para que os grãos ao serem colhidos, pudessem ser recolhidos com mais facilidade;

culturas intercalares, colhê-las, bater o feijão para tirar a palha, socar o arroz. Como se pode notar as atividades eram inúmeras e variadas, sem contar o trato dos animais, o conserto ou a construção de tulhas, terreiros para secagem de café, paióis, entre outras atividades.

Todas estas tarefas exigiam um bom número de trabalhadores, além de um dispendioso tempo. Como no Bairro as propriedades eram pequenas, a própria família se encarregava de executá-las, porém todos os membros deveriam estar envolvidos. As crianças a partir dos 8 anos já começavam a ajudar nos trabalhos domésticos, recolher lenha, levar comida na roça para os pais. Os meninos com 11 ou 12 anos iam para a lida na roça e as meninas nesta mesma idade, deveriam saber cuidar de uma casa, cozinhar, limpar, enfim, serem boas donas de casa.

As mulheres ajudavam na roça e cuidavam da casa e dos filhos, aos homens cabiam as tarefas de trabalhar na roça, comercializar os produtos, comprar os produtos necessários da cidade ou da venda. As moças ajudavam na roça, principalmente se a família fosse constituída de varias filhas mulheres, caso contrário os pais não dariam conta do trabalho. Sobre a função das mulheres e dos homens numa produção agrícola familiar, Fukui destaca:

A mãe é realmente o centro da vida familiar; se sobre o ponto de vista da autoridade a família é patrifocal, do ponto de vista da organização das relações ela é, ao contrário, matrifocal. A mãe assegura a existência e a continuidade da célula familiar. Ela está sempre ocupada no trabalho da roça, na indústria caseira, no conjunto de trabalhos domésticos; além do mais ocupa-se com a educação dos filhos, cuida dos velhos e dos doentes. Por todos estes afazeres, tem uma vida mais estreitamente ligada ao sítio do que o marido, que tem ocupações fora, embora decorrentes do trabalho no próprio sítio também. (FUKUI, 1979:157).

Além do envolvimento de toda família, a lida com o café exigia mão-de-obra volante, principalmente durante a colheita, neste período, havia a mobilidade de moradores da área urbana, em muitos casos ex-agricultores ou trabalhadores desempregados que

encontravam nas colheitas de café uma forma de sustentarem suas famílias. Oliveira, explica a utilização de mão-de-obra volante pelo trabalhador camponês:

...essa contratação, em geral, se deve ao ciclo de existência da família camponesa, pois há momentos críticos do ciclo agrícola em que os membros da família camponesa não são suficientes pois as tarefas exigem rapidez e muitos braços ... contrata-se, então, trabalhadores temporários.(OLIVEIRA, 2001:58).

O contrário também ocorria, ou seja, em alguns períodos o trabalho no sítio tornava-se pouco para toda família, neste momento, alguns membros desta família tornavam-se assalariados, trabalhavam por dia, para algum vizinho ou qualquer outro agricultor que estivesse precisando de mão-de-obra.

O trabalho em parceria também era comum no bairro, em muitos casos o camponês não tinha recursos financeiros suficientes para assalariar continuamente trabalhadores, e tinha uma grande quantidade de trabalho, maior do que poderia realizar juntamente com sua família, sendo assim, estabelecia contratos de parceria com trabalhadores rurais (uma família, geralmente) que não possuíam terras ou que as possuíam em pouca quantidade e que portanto tinham tempo e mão-de-obra disponíveis.

Os contratos de parceria mais comuns no bairro eram da seguinte forma: o dono da terra ficava com 40% da produção do café e se encarregava de comprar insumos como adubos e venenos para o controle de pragas da lavoura. Ao parceiro cabia cuidar da lavoura, adubar, pulverizar, tirar as ervas daninhas, fazer a colheita, enfim, ser responsável por todo o trabalho naquela terra. Quanto às culturas intercalares como o arroz, o feijão e o milho que eram produzidos entre os pés de café, alguns donos da terra exigiam a metade da produção, outros as deixavam de forma integral com o parceiro.

Geralmente, os parceiros que não possuíam terra, moravam na propriedade à qual trabalhavam, nestas propriedades, onde os donos precisavam de parcerias para o trabalho, era comum a existência de uma casa, construída para as famílias que viessem a trabalhar como parceiras, também era comum a troca de parceiros à aproximadamente cada 8 anos.

Como o café exigia grande mão-de-obra, as famílias geralmente eram numerosas e o bairro populoso, as relações comunitárias eram comuns, existia, por exemplo, a troca de

produtos, a ajuda entre vizinhos para a realização de trabalhos mais complexos e demorados, o empréstimo de equipamentos e animais, enfim, as relações comunitárias eram muitas. Oliveira fala sobre a ajuda mútua nas comunidades camponesas.

Já quando a família camponesa não consegue complementar totalmente a sua necessidade de trabalho, ela pode ser completada pela ajuda mútua entre os camponeses. Esta prática aparece no seio da produção camponesa sob várias formas; a mais comum é o mutirão, mas pode aparecer também como troca de dias de trabalho entre os camponeses. A ajuda mútua é a solução encontrada pelos camponeses para completar o trabalho que a família não consegue realizar pois, em geral, seus rendimentos monetários não permitem pagar trabalhadores continuamente. (OLIVEIRA, 2001:56).

Ogenia Spricigo, moradora do Bairro Concórdia desde 1977, fala da ajuda mútua que existia no bairro e compara com os dias atuais:

“As pessoas se ajudavam, faziam mutirão (...) se juntava todo mundo e ajudava aquela pessoa, uma vez um vizinho nosso tava doente, ainda lembro, nós juntamos todo mundo e limpamos a roça dele (...) hoje em dia parece que não tem mais isso, agora é tudo pago”.

Jair Custódio, morador do Bairro Concórdia, esclarece a respeito das relações comunitárias que existiam:

“Tinha a venda da família Gimenes, onde as pessoas se reuniam, na época, a maior casa comercial do município, (...) tinha campo de futebol, tinha time de futebol, tinha festa, depois fez a capela na cabeceira, que tem até hoje, tudo isso reunia as pessoas (...) aquele tempo, tinha uma convivência, podia ter mais confiança nas pessoas, não tinha essa coisa que tem hoje, hoje tem muita malandragem, aquele tempo as pessoas eram mais confiáveis (...) tinha vizinhos que de tão amigos eram quase parentes, a gente podia contar com eles”.

A população do Bairro, durante o auge da cafeicultura, contava com uma estrutura na sede do bairro, onde se tinha uma escola primária, chamada Escola Rural Municipal

Vital Brasil, uma capela (igreja) cujo padroeiro é até os dias atuais São Vicente de Paulo e uma venda denominada Venda Concórdia, pode-se definir esta venda como um misto de mercado e bar, possuía ao mesmo tempo alimentos não perecíveis diversos, bebidas alcoólicas como cerveja, pinga, também refrigerantes. A venda funcionava na base das cadernetas, ou seja, cada morador ou cada família tinha o nome anotado na caderneta, onde anotava-se também os produtos que eram comprados, os moradores tinham crédito para “comprar fiado”.

Na escola Vital Brasil estudavam todas as crianças do bairro Concórdia até completarem a 4ª série, a partir de então tinham que estudar na cidade de Tuneiras do Oeste, que fica a aproximadamente 5 Km. Estas crianças eram transportadas por ônibus fornecido pela prefeitura.

A igreja caracterizava-se como o ponto de encontro dos moradores todos os sábados à noite, dia em que eram celebrados os cultos, realizados por lideranças da própria comunidade, e uma vez ao mês era celebrada uma missa que também reunia toda a comunidade. Nas décadas de 50 e 60, o bairro não possuía igreja, sendo as celebrações religiosas realizadas na escola, a necessidade da construção de uma igreja era iminente e apoiada por toda comunidade, para tanto, as quermesses⁴ eram freqüentes, os líderes religiosos da comunidade se organizavam e formavam grupos para trabalhar na festa visando arrecadar fundos para pagar as dívidas com água e luz da escola, que servia para os encontros religiosos e também fundos para construção da igreja.

Estas festas religiosas eram freqüentes, e eram a diversão de jovens e adultos do bairro. Nas festas eram vendidas carnes assadas, bebidas, doces e balas. Geralmente eram realizadas rifas e bingos de prêmios doados pelos próprios moradores, principalmente gado bovino. O atrativo das festas ficava por conta da dança, da qual participavam tanto jovens, como adultos e crianças. Além das festas religiosas, a diversão era encontrada nas festas de casamento, bailes promovidos por sitiante em sua propriedade, nos terreiros ou nas tulhas de café, geralmente em comemoração a algum santo ou durante as festas juninas.

⁴Festa realizada em prol da igreja;

Ogenia Spricigo, moradora do bairro fala das festas:

“As festas eram muito animadas, dava muita gente, todo mundo ia, todo mundo dançava, os velhos, os jovens. Vinha gente de fora, a gente encontrava todos os conhecidos, conversava, ficava sabendo das coisas, também encontrava os namorados, os rapazes iam todos, as moças também”.

Como os jovens do bairro na grande maioria participavam apenas dessas festas locais ou nos bairros vizinhos e não tinham outras atividades de lazer, onde pudessem conhecer pessoas de outras localidades, acabavam se relacionando com pessoas da própria comunidade. Desta forma, os casamentos que ocorriam geralmente eram entre membros do próprio bairro. Outro fator que contava é a preferência dos pais por pessoas conhecidas e em muitos casos aparentadas, assim como no estudo realizado por Fukui no bairro rural Laranjeiras no estado de São Paulo.

A escolha do cônjuge se faz, preferencialmente, dentro do próprio grupo de parentela. Esta preferência é expressa nos seguintes ditados comumente enunciados pelos informantes em Laranjeiras: "pelos primos a gente se inclina" e "parente é sempre mais quente", revelando assim o padrão ideal endogâmico do grupo; padrão este que, de maneira geral, é seguido pelos jovens. A grande maioria das uniões ocorreram entre jovens que se conhecem desde a infância e que habitam num raio aproximado de 20 km. Como muitos bairros são formados de parentes, a incidência de casamentos dentro da parentela não pode deixar de ser grande. (FUKUI, 1979:160).

Substituição do café e êxodo rural no Bairro Concórdia

Em meados da década de 60 e com mais intensidade na década de 70, o café passa por dificuldades no estado do Paraná.

...As sucessivas geadas... as condições de mercado, com uma política oficial de preços desestimulantes à manutenção da cafeicultura como atividade produtiva principal e, por outro lado, com preços estimulantes à cultura

associada da soja e trigo, assentada numa política agrícola profundamente subsidiada, induziu e estimulou a substituição de culturas...Assim o processo de substituição de culturas apresenta-se como uma fase de modernização agrícola. (MORO, 1998:14)

Neste contexto, em que o café é substituído, o estado do Paraná passa a conhecer o processo de modernização de sua agricultura, tendo como produtos principais a soja e o trigo, Com isto, o êxodo rural torna-se muito acentuado no Paraná.

A região noroeste do estado do Paraná teve uma implantação tardia do café, quando comparado às outras áreas cafeicultoras do estado. A área em estudo, por exemplo, começou a produzir café, ou melhor, teve suas primeiras colheitas na década de 1960, período que como citado acima, o café já estava em crise no estado.

Sendo assim, pode-se dizer que nos anos 70 o bairro Concórdia, ainda era quase totalmente dominado pela cafeicultura, apesar de que no ano de 1974, os cafezais sofreram com forte geada o que já foi motivo de desestímulo aos produtores, porém a maioria ainda persistiu na produção do café. Na década de 80 também ocorreram geadas, que juntamente com os baixos preços, causou uma diminuição expressiva da área produtora. No entanto a década de 90 é que marcou o fim, quase que completo da produção de café no bairro. Segundo os agricultores, este fato se deve principalmente a forte geada ocorrida em 1994, à baixa produtividade e principalmente ao preço comercial incompatível com as despesas, já que o café a duas décadas já tinha perdido seu poder econômico no Brasil, sendo seu valor de venda muito baixo.

A partir da década de 80, com o processo de erradicação da cafeicultura no bairro, houve grande êxodo rural, e a população que era de aproximadamente 1500 pessoas nas décadas de 60 e 70 foi diminuindo. No ano de 2004, o número de habitantes do bairro não passava de 70, pois as atividades que foram desenvolvidas a partir da década de 80 e principalmente na década de 90, necessitam de pouca mão de obra.

Com o fim do café, o predomínio no bairro é da cana-de-açúcar, através do sistema de arrendamento para usinas de álcool, aparecem também pastagens para criação de gado

leiteiro, ainda a mandioca, pequenas áreas com milho e café além do início do cultivo da soja que vem atravessando a fronteira do arenito.

A área da fazenda Tuneira no bairro, produziu café até aproximadamente 1985, quando os cafezais foram erradicados, pelos mesmos motivos já citados anteriormente. Com a erradicação da cafeicultura na Fazenda Tuneira, a população do bairro diminuiu muito, pois a fazenda contava com cerca de 80 famílias, aproximadamente 1000 pessoas, que trabalhavam como empregados da fazenda na produção do café e moravam numa colônia no Bairro Concórdia. Essas pessoas foram indenizadas e atualmente a grande maioria reside na cidade de Tapejara (cidade vizinha de Tuneiras), grande parte trabalha no corte de cana, que foi a cultura que substituiu o café nas áreas da fazenda.

Os atuais donos de terra do bairro Concórdia, em sua maioria, não moram nas suas propriedades, residem nas cidades próximas (Tuneiras do Oeste, Cianorte, Tapejara e em outras localidades do próprio município). Uma pequena minoria dos proprietários, ainda residem nas suas propriedades e desenvolvem a agricultura familiar, resistindo à tendência de uma agricultura capitalizada. As dimensões desta resistência se verificam em inúmeras áreas rurais do município, porém com números bastante tímidos quando comparado ao período de predomínio da cafeicultura.

Antonio Marques, morador do bairro desde 1975, fala da saída das pessoas do bairro:

“As pessoas saem do bairro procurando melhoria de vida, um sai para estudar, outros para pegar um emprego na cidade (...) os jovens não ficam mais, e bobeira do jovem que ficar na área rural se o governo não mudar a política agrícola (...) hoje na área rural só tem lavoura mecanizada, lavoura braçal hoje não tem mais recompensa e quem tem pequenas propriedades não tem condições de vida na área rural, não tem condições de ter um implemento, não tem condição de ter um maquinário, e no serviço braçal, como era o café, não tem mais remuneração.”

Com a nova tendência agrícola, onde predominam culturas que exigem mecanização e pouca mão-de-obra, os agricultores que possuem pequenas propriedades, vêem-se em situação difícil, observa-se ainda que os filhos destes agricultores, raramente permanecem na área rural, inchando cada vez mais as cidades e aumentando os problemas sociais. “A modernização

agrícola, demandou os interesses de produtores capitalizados... as políticas de modernização beneficiaram determinados setores da sociedade”.(BENADUCE et. al: 1992:730).

Produção agrícola e formas de vida tradicionais e modernas na atualidade

O que se pode observar no Bairro Concórdia, a partir de 1990 é o predomínio da cana-de-açúcar, pastagens, soja e mandioca. A cana-de-açúcar é cultivada pelo sistema de arrendamento de terras, no bairro Concórdia, o maior arrendatário é a Usina Santa Terezinha, localizada na cidade de Tapejara, município vizinho de Tuneiras do Oeste. A área maior dominada pela cana-de-açúcar é a extensão de terras da Fazenda Tuneira pertencente a C.M.N.P., esta cultura aparece ainda em mais algumas propriedades do bairro.

As pastagens são para a criação extensiva do gado, sendo esta a opção da maioria dos proprietários de terra do bairro, porém boa parte desses pecuaristas não residem em suas propriedades, mas sim na cidade de Tuneiras do Oeste ou cidades vizinhas.

O cultivo da soja no bairro e também no município, relaciona-se com o início das atividades da cooperativa (Cocamar), em 27 de Julho de 1999, que foi instalada na cidade devido a um projeto de integração agricultura x pecuária, visando um maior desenvolvimento na região noroeste do Paraná. Veja na explicação abaixo como funciona a integração agricultura x pecuária:

...a nova tecnologia gerada tem manejo de solo específico e plantio direto sobre a palha, as áreas a serem recuperadas recebem culturas de inverno e verão por um período não inferior a três anos e depois, voltam para pastagens nos solos já recuperados química, física e biologicamente. (RELATÓRIO DA COCAMAR, PROJETO ARENITO NOVA FRONTEIRA, 2004:2)

O município de Tuneiras do Oeste abrange uma grande área na região do arenito Caiuá, onde a Cocamar desenvolve juntamente com o IAPAR (Instituto Agrônômico do Paraná), Syngenta e a prefeitura de Umuarama, um projeto de implantação da soja,

“Projeto Arenito Nova Fronteira”. Além disso, esta região apresenta forte potencial agrícola, contava na época e ainda conta com grande área de pastagens, essas áreas de pastagens foram e ainda estão sendo substituídas por lavouras, principalmente a soja.

Sabe-se que a produtividade de leite e carne é muito baixa devido as pastagens muito fracas estabelecidas em solos esgotados e exauridos em sua fertilidade ao longo do tempo...a terra tem 85-90% de areia, níveis críticos de fertilidade...a agricultura é vista como caminho para a recuperação dos solos. (RELATÓRIO DA COCAMAR, PROJETO ARENITO NOVA FRONTEIRA, 2004:1-2).

Como se vê, a soja é vista como uma opção para obter maior rendimentos e recuperar os solos já degradados pelas pastagens. Tendo como grande incentivadora a Cocamar, alguns agricultores do bairro Concórdia optaram pelo cultivo da soja através do sistema de arrendamento, ou seja, arrendaram suas terras para o plantio, pois os próprios donos não poderiam cultivá-la, já que não possuem maquinários e equipamentos necessários.

A mandioca é outra cultura comum no bairro Concórdia, assim como em todo município de Tuneiras do Oeste. Os produtores de mandioca do bairro Concórdia, são os proprietários de terra que na maioria dos casos, ainda vivem na zona rural, ou seja, ex-cafeicultores que ainda moram em suas propriedades e trabalham a terra. Mesmo assim, a rotina é bastante diferente da que tinham com a cafeicultura.

O café como cultura permanente, exigia cuidados contínuos e tradicionais como a carpinagem, feita com enxadas, o cuidado com a árvore como a desbrota⁵, a pulverização, a adubação, sem contar a colheita, toda feita de forma manual, enfim, o proprietário e sua família tinham trabalho para o ano todo. Já com a mandioca é diferente, a terra precisa ser preparada com o trator, porém poucos proprietários de terra do bairro possuem este equipamento, desta maneira, contratam alguém para prestar-lhes este serviço.

O trabalho que estes proprietários tem com a mandioca reside em ajudar no plantio, pois não podem fazê-lo sozinhos, já que há a necessidade de plantá-la rapidamente para que cresça uniforme e possa ser colhida de uma só vez, ou até mesmo, precisa de rapidez no plantio para aproveitar o solo úmido e não perder o período certo de plantar.

⁵ Retirar o excesso de brotos novos para que o pé de café não seja prejudicado;

As vezes o proprietário precisa retirar algumas ervas daninhas entre os pés de mandioca, as vezes precisa pulverizar para acabar com algumas doenças e pragas que atingem sua lavoura, se quiser pode ajudar na colheita, mas assim como no plantio, este trabalho tem que ser rápido e portanto há a necessidade da contratação de mão-de-obra volante.

Quando questionado sobre o trabalho com a mandioca na atualidade, Antonio Marques, morador do bairro desde 1975, afirma:

“Agora com a mandioca, ta dando muito pouco dinheiro, com o café era melhor, o povo agora ta indo para a cidade, tem muito pouca gente aqui, o café dava mais serviço para a gente e ainda tinha que buscar bóia-fria para ajudar, trabalhava muito mais, agora tem menos renda. Mas sabe, mandioca dá muito trabalho, mas é assim: só para juntar as ramas, para plantar, é muito serviço, mais só que depois que planta, fica o ano inteiro na folga”

Como se pode perceber, as atividades desses agricultores, são bem menores que as que tinham quando cultivavam o café, sendo o ritmo de vida bastante diferente. Se para cultivar o café em uma propriedade de 10 a 15 alqueires era necessário o trabalho de toda uma família numerosa, na atualidade, uma ou duas pessoas é o suficiente para as atividades de uma propriedade deste mesmo tamanho, que é o tamanho predominante no bairro, sendo assim, os jovens, geralmente ao terminarem o ensino médio ou ao completarem 18 anos, saem da casa dos pais para estudarem ou para trabalharem em cidades maiores e mesmo os que permanecem morando com os pais, buscam um emprego na cidade e vão todos os dias trabalhar fora do sítio.

Os estudos preliminares sinalizam para uma situação peculiar no bairro, onde a estrutura fundiária foi mantida (pequenas propriedades), mesmo com a substituição do café por culturas que exigem maior tecnologia, e como bem coloca Oliveira (2001, p.29), “o traço essencial da estrutura fundiária brasileira é... o caráter concentrado da terra... o que o Brasil conheceu nos últimos 45 anos foi um aumento violento da concentração fundiária”. Neste caso, se os apontamentos a respeito da manutenção da estrutura fundiária do bairro Concórdia forem confirmados, estará ocorrendo uma exceção à regra com relação à tendência de centralização fundiária que vem ocorrendo no Paraná e no Brasil.

Deve ser levado em consideração, no caso em estudo, para a manutenção da estrutura fundiária, o aspecto da colonização dirigida que ocorreu. Benaduce, lembra a alteração do processo produtivo (modernização) e as mudanças na estrutura fundiária e explica o caso do norte do Paraná.

Essa alteração do processo produtivo apresentou reflexos territoriais, ocorrendo em muitas regiões uma concentração fundiária, devido, principalmente ao fato de que o pequeno proprietário rural, não apresentando condições de modernizar a produção agrícola, se vê obrigado a vender suas terras... No contexto paranaense esse processo ocorre de forma atenuada se comparado com outras regiões brasileiras. Quando observa-se o caso norte Paranaense deve-se levar em consideração um processo de ocupação planejada (por empresas loteadoras) que levou à construção de uma estrutura territorial minifundiária, bem como as características sócio-culturais dos colonizadores do Paraná. (BENADUCE et. al: 1992:730).

Também deve ser avaliado, no Bairro Concórdia, o período em que a cafeicultura foi implantada e o período em que foi erradicada, analisando-se essas datas, verifica-se que houve um desenvolvimento bem como uma erradicação tardia do café, se comparado com o estado do Paraná. Desta forma, uma parcela considerável da população do local ainda está em fase de transição entre forma de produção tradicional e moderna, o que também influencia a manutenção da estrutura fundiária, da mesma forma, esta população mantém hábitos e costumes tradicionais, ao mesmo tempo em que convivem com novas tecnologias.

Visando resgatar bens culturais que ainda existem na comunidade, descobriu-se que o uso do fogão a lenha é comum em quase todas as casas, apesar de todos terem também o fogão a gás. Os moradores fazem questão ainda de manter alguns pés de café para o consumo da família, colhem o café, levam na cidade para limpar ou tirar a casca e torram em torradores manuais, aliás, este utensílio está presente em quase todas as casas do bairro, além do torrador de café o moinho de café também é peça presente nas casas.

O forno de barro ou de tijolos, que existia e ainda existe em quase todos os quintais, deixou de ser utilizado por algumas famílias, mas é considerado essencial para outras.

Nesses fornos são assados pães, bolos, bolachas, biscoitos e carnes. Os pilões de madeira, antes utilizados principalmente para socar arroz, agora servem para as mulheres produzirem o colorau (condimento). O colorau é produzido de forma artesanal, as sementes vermelhas são socadas no pilão com o fubá, produzindo o colorau de ótima qualidade, segundo as produtoras.

As casas dos moradores na atualidade, na maioria dos casos, apresentam condições melhores que as que viviam os moradores nas décadas de predomínio da cafeicultura. A energia elétrica está instalada em todas as casas, o chuveiro elétrico e o vaso sanitário também estão presentes em praticamente todas, alguns moradores construíram casas em alvenaria e a maioria possui itens como antena parabólica, celulares, aparelhos de som com cd e automóveis.

Apesar da maioria dos agricultores que cultivaram o café e que estão no bairro cultivando outros produtos afirmarem que tinham maior lucratividade com o café durante o auge, do que com as culturas atuais, a forma como vivem na atualidade parece lhes proporcionar maior conforto e comodidade, levando a crer que na atualidade investem mais em suas habitações, priorizam a qualidade de vida e o conforto pessoal. Alguns dizem que como não conseguem mais um lucro suficiente para investir em terras ou imóveis, então investem em uma vida melhor.

Apesar da população ser pequena e não haver mais o funcionamento da escola e nem da venda que existia no bairro, a igreja continua ativa da mesma forma, todo final de semana tem cultos e uma vez ao mês missa, a igreja ainda é o ponto de encontro dos moradores, apesar de que o número de participantes nunca chega a 20 pessoas.

Como se pode notar, mesmo com a substituição de culturas e as mudanças na forma de vida da população, e apesar de conviverem e terem acesso às novas tecnologias, são mantidos alguns hábitos e alguns bens culturais nesta comunidade, que sobrevive graças a persistência e a valorização à terra, dada por alguns agricultores.

REFERÊNCIAS

BENADUCE, Gilda Cabral; DEFFUNE, Gláucia e ROCHA, Márcio Mendes. **Considerações preliminares sobre a questão agrária na Bacia do Rio Ivaí-Pr. como subsídio ao estudo do meio ambiente.** Anais do XI Encontro Nacional de Geografia Agrária, Maringá, 1992;

CANCIAN, Nadir Aparecida. **Cafeicultura Paranaense 1900/1970.** Curitiba, Grafipar, 1981;

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** Editora Hucitec, São Paulo, 1996.

C.M.N.P. (Companhia Melhoramentos Norte do Paraná),1975. **Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná.** Maringá, C.M.N.P;

FUKUI, Lia Freitas Garcia, **Sertão e Bairro Rural,** Ática, São Paulo, 1979;

MORO, Dalton Áureo, **Desenvolvimento econômico e dinâmica espacial da população no Paraná contemporâneo,** IN: Boletim de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, Ano 16 – Número 1 – 1998;

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de, **A agricultura Camponesa no Brasil,** 4 ed._ São Paulo: Contexto, 2001._ (Caminhos da Geografia).

Relatório Cocamar. **Projeto Arenito Nova Fronteira,** 2004;

SMITH, Neil, **Desenvolvimento Desigual: Natureza, Capital e a Produção do Espaço.** Editora Bertrand Brasil S. A. Rio de Janeiro, RJ 1988.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel, **Raízes históricas do Campesinato Brasileiro** IN: **Agricultura familiar realidades e perspectivas,** TEDESCO, João Carlos (Org.) _ 3 ed. _ Passo Fundo: UPF, 2001.